

Guia interativo

# ARTE ENSINA: MOTIVAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Ficha de notificação individual de violência  
interpessoal/autoprovocada





Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Organização

Centro Estadual de Vigilância em Saúde do Rio Grande do Sul (CEVS/RS)

Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis (DANT)

Andréia Novo Volkmer

Márcia Fell

Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS)

Anna Caroline Solka

Gabriela Chaves

Luise Toledo Kern

Thayze Maria Marques Torbes.

Guia interativo Arte Ensina: motivações de violência pela ficha de notificação individual de violência interpessoal/autoprovoçada

ISBN 978-65-88447-00-0

Porto Alegre - RS

2020



# SUMÁRIO

Introdução ao Guia	4
Apresentação	8
Contextualização	11
SEXISMO	14
HOMO/LESBO/BI/TRANSFOBIA	21
RACISMO	30
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA	37
XENOFOBIA	43
CONFLITO GERACIONAL	48
SITUAÇÃO DE RUA	53
DEFICIÊNCIA	59
Considerações finais	65
Glossário	66
Quadro 1	67

# Olá, seja bem-vinda(o)!

Que bom que nos encontramos por aqui!

Inicialmente gostaríamos de parabenizar o seu interesse pelo tema e o tempo que utilizará ao navegar neste guia que fizemos com muita dedicação para auxiliar você, profissional da saúde, a qualificar o seu conhecimento em relação às **motivações de violência** existentes na ficha de notificação de violência individual interpessoal/autoprovocada do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

Esperamos que, através dos dispositivos artísticos apresentados no **Guia Interativo Arte Ensina**, surjam reflexões que transformem seu entendimento e possibilite maior compreensão sobre as motivações de violência e como ela atinge as pessoas, de forma que a aprendizagem possa ser constantemente atualizada.

## Quem somos?

Somos residentes do programa de Atenção Básica da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS) e trabalhadoras do Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS/RS).

No nosso percurso formativo e de trabalho percebemos a importância da educação em saúde voltada às violências. Desse modo, esse guia surge a partir da ideia de qualificar o conhecimento e possibilitar reflexões sobre as violências aos demais profissionais de saúde do Estado do Rio Grande do Sul, facilitada através dos dispositivos artísticos.



# VIOLÊNCIA E ARTE

A violência tem natureza complexa e multicausal, sendo considerada uma questão de saúde pública devido ao impacto negativo que causa sobre a saúde e a vida das pessoas. Na saúde, habitamos um espaço estratégico para planejar ações e práticas que visem a identificação, o acolhimento e a diminuição da violência. Para isso, primeiramente, precisamos compreender de forma mais profunda como as violências se apresentam, o que as motiva e como elas afetam determinadas pessoas, para assim, nos tornarmos mais sensíveis ao seu reconhecimento quando apresentadas nos serviços de saúde.

Acreditamos que a educação em saúde não se reduz a aprendizagem pelo conhecimento técnico-científico, mas também é atravessada por diferentes dispositivos, entre eles a arte. A arte, assim como a violência, nos acompanha desde os primórdios e serve como mecanismo de comunicação e compreensão de diferentes culturas e vivências. Na saúde, a arte pode atuar como potencializadora de aprendizagem, uma vez que permite compreender o mundo a partir da experiência do outro. Desse modo, entender como a violência ocorre na vida de grupos específicos, os quais, muitas vezes, são marcados por estereótipos e compartilham algumas vivências em comum, permite a nós, profissionais da saúde, maior abertura e sensibilidade quando essas situações se apresentam no âmbito da saúde. Nesse guia, consideramos como dispositivos artísticos as expressões como músicas, pinturas, filmes, poemas, performances, fotografia e literatura.



# COMO UTILIZAR O GUIA



O guia foi elaborado para facilitar a aprendizagem, através da interação da(o) leitora(o) com o material, desse modo, você poderá navegar por ele utilizando a barra de rolagem.

No final da página encontra-se a frase “clique sobre o material para acessar”; ao clicar sobre os dispositivos artísticos, você será direcionada(o) a um site, possibilitando o acesso à mídia em tempo real.

Além disso, as referências apresentadas na elaboração deste guia estão listadas por ordem de aparição e você também pode clicar sobre elas para acessar os estudos.



# COMO UTILIZAR O GUIA

Enfatizamos que aprender sobre as violências é um trabalho árduo mas necessário. Se dedicar ao estudo de uma temática tão densa e presente no nosso cotiado pode gerar sentimentos de angústia, por isso sugerimos que esse guia possa ser utilizado como um apoio que você terá durante a sua vida profissional, e que você possa consultar o material de forma sistemática.

Você pode acessar a leitura e os dispositivos artísticos desse material de forma individual ou ainda compartilhar com a sua equipe e as(os) usuárias(os) do seu serviço. Como seria disparar a discussão das violências que ocorrem no território do seu serviço ou município a partir de um documentário? Você imagina exibir trechos de um filme e conversar com as(os) usuárias(os) do serviço que você trabalha sobre a violência?





# Apresentação

A violência está presente na vida das brasileiras e dos brasileiros desde a colonização, ou seja, enquanto país fomos fundados em um contexto violento. A ditadura militar e o período de escravização\* também são períodos em que a violência marcou o processo histórico de formação do Brasil. Se constituiu, assim, como causa estruturante\* para a desigualdade social e para as diversas expressões de violência cometidas na contemporaneidade [1].

Até a metade do século XX não havia o entendimento de que este é um fator que afeta a qualidade de vida e a saúde da população, o que fez com que esse problema cultural se mantivesse no silenciamento, com poucas ações de enfrentamento do Estado e de seus segmentos. No entanto, antes mesmo dessa pauta adentrar as políticas públicas no país, as expressões artísticas já haviam se tornado campo de denúncia das violências presentes na vida da população.



No México, em 1935, Frida Kahlo retratou, através da pintura, uma violência divulgada no jornal, sobre uma mulher assassinada pelo marido. Este, quando indagado sobre o assassinato, respondeu que havia sido apenas “umas facadinhas de nada”. Segundo a polícia, o homem proferiu vinte golpes contra a mulher. A obra intitulada *Unos cuantos piquetitos* [2] denuncia o que conhecemos hoje por feminicídio\*, sendo que, em 2016, conforme a Organização das Nações Unidas, o Brasil ocupava a quinta posição na taxa de feminicídios no mundo.

Clique aqui

Clique aqui

\*Ver Glossário.

1. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 132 p. (Coleção Temas em Saúde). Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.
2. BOLAÑO, Emilia. *Unos cuantos piquetitos - Frida denuncia la violencia machista en esta desgarradora escena*. *History/Art*, 23 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/unos-cuantos-piquetitos>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Na saúde, criou-se o Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes que tem como objetivo conhecer a magnitude e a gravidade das violências por meio da produção e divulgação das informações coletadas.

Atualmente, notificar sobre violências acolhidas nos serviços públicos e privados de saúde, nos seus diferentes níveis de atenção, tem caráter compulsório, sendo realizado através do preenchimento da **Ficha de Notificação de Violência Interpessoal/Autoprovocada** e do seu registro no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) [3].

### Ficha de Notificação de Violência Interpessoal/Autoprovocada

Constitui-se como uma primeira etapa para a inclusão de pessoas em situação de violência em linhas de cuidado, a fim de prover atenção integral a essas pessoas e garantir seus direitos.

Permite que a gestão conheça a realidade epidemiológica do seu território, defina prioridades de intervenção no enfrentamento às violências e a promoção da cultura da paz e avalie o impacto das intervenções em saúde.

Lembre-se que a ficha de notificação não gera uma denúncia!


Clique aqui

3. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada. 2 ed. Brasília: 2016. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpessoal\\_autoprovocada\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.



A violência se manifesta em contexto e depende de múltiplos fatores, como culturais, históricos, econômicos e políticos [4]. Está em diversas situações presentes nos territórios dos serviços que podem, inclusive, ser difíceis de identificar e acompanhar devido a sua complexidade. No entanto, acolher de forma humanizada, visando a atenção integral de quem sofre violência, e buscando articulação com a rede de atenção e de proteção, pode ser um passo importante para romper com o ciclo da violência.

4. VELOSO, Milene Maria Xavier et al. Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, p. 1263-1272, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v18n5/11.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Clique aqui 

Na Ficha de Notificação de Violência é possível entender a violência a partir das seguintes motivações: sexismo, homofobia/ lesbofobia/ bifobia/ transfobia, racismo, intolerância religiosa, xenofobia, conflito geracional, situação de rua, deficiência e outros (consulte o QUADRO 1 ao final do material).

Tendo em vista a complexidade de cada motivação e os múltiplos aspectos que a atravessa, nesse projeto, trabalharemos a partir de recursos artísticos buscando facilitar a compreensão de cada motivação e, por sua vez, a qualificação da notificação e o acompanhamento das situações presentes nos territórios de saúde.

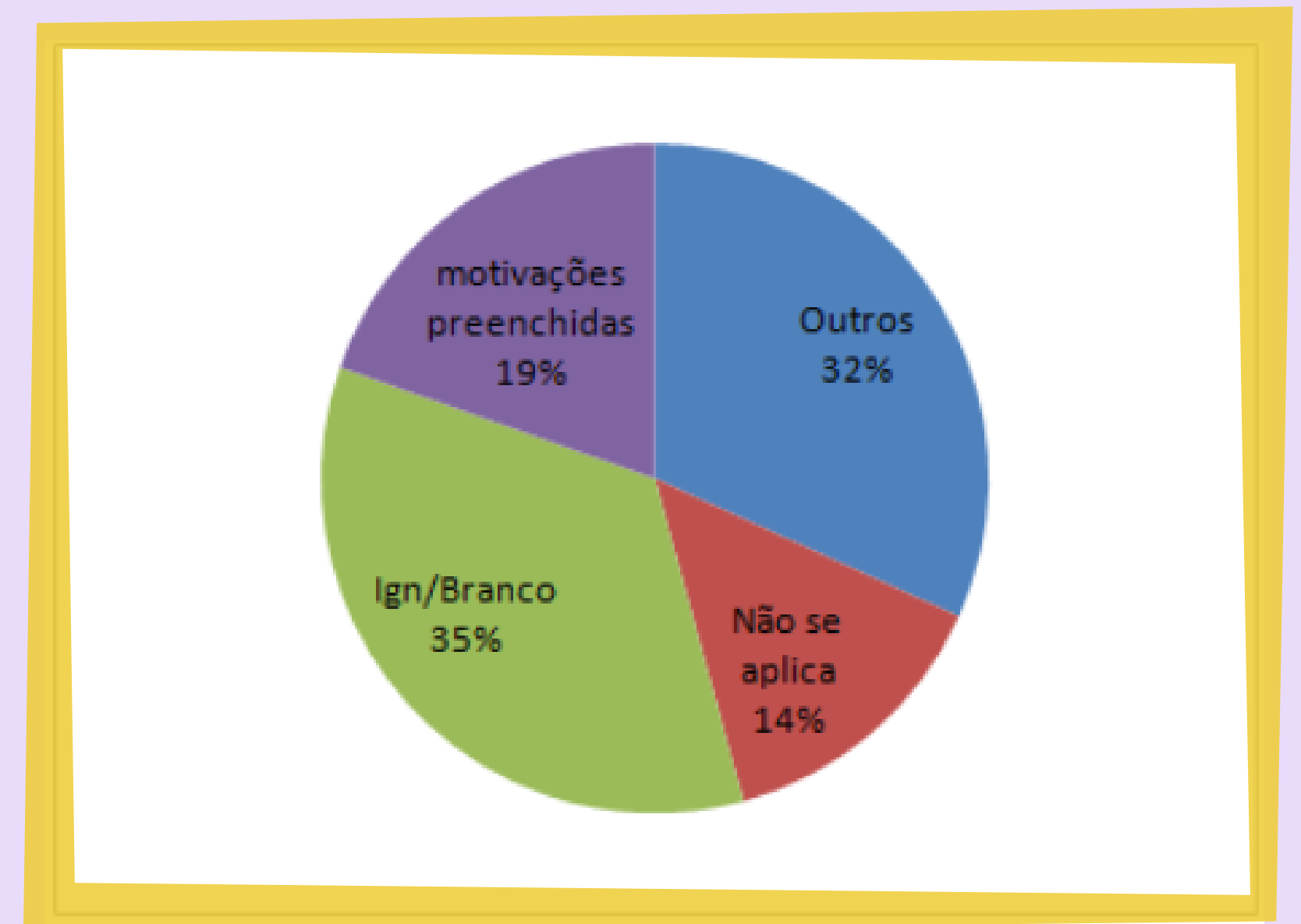
# Contextualização

Entender as motivações de violência passou a ser visto a partir da inserção do campo 55 - motivação da violência - na ficha de notificação de violência interpessoal/autoprovocada.

Ao longo dos anos de 2015 a 2019, no Rio Grande do Sul, houve um aumento das notificações onde o campo motivação de violência foi preenchido. No entanto, nesse período, somente 19% das fichas identificavam a motivação de violência, enquanto 81% destas foram preenchidas com os itens “ignorado/branco”, “outros” e “não se aplica”.

A incompletude dos dados dificulta a análise das motivações, bem como prejudica a sustentação de ações específicas de enfrentamento à violência, visto que as informações em saúde são essenciais para que as(os) gestoras(es) formulem estratégias baseadas na realidade.

Notificação de violência interpessoal/autoprovocada com motivação de violência preenchida no RS (2015-2019)



Fonte: SINAN/MS/CEVS/RS



Uma das leituras para a incompletude dos dados epidemiológicos é de que a complexidade e naturalização das violências pode dificultar a compreensão do profissional que acolhe uma pessoa em situação de violência e precisa realizar a sua notificação [5].

A capacitação das(os) profissionais referente à ficha de notificação de violência interpessoal/autoprovoada e permanente monitoramento dos indicadores é uma estratégia para desenvolver dados consistentes para análise situacional [6].

5. Análise das situações de violência no Rio Grande do Sul: contribuição para o aprimoramento da vigilância em saúde de populações vulneráveis no SUS [e-book]. Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; coordenadores do projeto: Daniel Canavese de Oliveira, Maurício Polidoro. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://atencao basica.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202005/29145849-relato-u0301rio-especial-29-88pag-final.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

6. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Qualidade dos dados de notificação de violência interpessoal e autoprovoada, Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Qualidade-dos-dados-de-notifica%C3%A7%C3%A3o-de-viol%C3%Aancia-interpessoal-e-autoprovoada-Brasil-%E2%80%93-2016-Relat%C3%B3rio-de-Qualidade.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

## Você conhece as capacitações online sobre a ficha de notificação de violência?

- 1) Notificação de violências: conceito e aplicação
- 2) Notificação de violências em escolas do Rio Grande do Sul
- 3) Políticas de Equidade em Saúde e o enfrentamento das violências

Clique no nome do curso para acessar

Vimos como é importante a informação sobre as motivações de violência, e que estar atento e sensível a essas situações presentes nos territórios é essencial. Notificar as violências suspeitas ou ocorridas é **compulsório** às(aos) profissionais e às equipes de saúde, mas para isso primeiro precisamos entender esse campo e suas complexidades.

A forma de estudo que optamos em trazer para você ocorre pela **aprendizagem inventiva**, ou seja, se desenvolve a partir da tensão entre ideias constituídas historicamente, e inquietações que promovem problematizações [7]. Desse modo, a arte se constitui como um ponto de vista que pode potencializar diferentes experimentações naquilo que é afetado por ela.

Quando você assiste a um filme, lê um livro ou ouve uma música você entra em contato com o mundo do outro e esse tensionamento entre o que se conhece e a sua problematização possibilita a formulação de novas aprendizagens. Acreditamos que estudar as motivações de violência pela via da arte possibilita que você entre em contato com a história de outras pessoas e facilite a sua atuação profissional nesse campo.

**Desejamos que esse percurso seja agradável e possibilite reflexões e ações potentes!**

7. KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em estudo*, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v6n1/v6n1a03.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.



# SEXISMO

A violência motivada por sexismo se refere à discriminação baseada no sexo ou gênero, fundamentada no suposto prestígio de poder dos homens sobre as mulheres. São atitudes aprendidas e reforçadas social e culturalmente que se refletem na violência contra as mulheres [8].

A violência contra as mulheres é um problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos, podendo se manifestar como violência sexual, física, psicológica, moral e patrimonial [9].

## Violência contra a mulher

É qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada [10].

8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada [recurso eletrônico] / 2. ed.

Brasília: 2016. 92 p. Disponível em:


[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpessoal\\_autoprovocada\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf). Acesso em: 01 jul. 2020.

9. Tipos de violência. Instituto Maria da Penha, 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>.

Acesso em: 08 jul. 2020

10. Folha informativa - Violência contra as mulheres. Organização Pan-Americana da Saúde, 2017. Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820). Acesso em: 08 jul. 2020



Estimativas globais publicadas pela OMS indicam que, aproximadamente, uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do(a) parceiro(a) ou de terceiros durante a vida [11].

No Brasil, em 2006, foi instituída a Lei Maria da Penha [12] com o objetivo de criar e estabelecer os mecanismos necessários para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres.

Quanto às mulheres negras, estas sofrem mais violência em comparação às mulheres não negras, é o que informa o balanço anual da Central de Atendimento à Mulher (Disque 180). Dos atendimentos acolhidos no serviço, quando foi informada a cor da vítima, 60,53% das violências foram cometidas contra mulheres negras [13]. As mulheres negras, além de sofrerem questões ligadas ao sexismo e ao machismo, estão suscetíveis à violências racistas.

Outro recorte é a violência obstétrica, que se configura como atos que desrespeitem a autonomia, integridade física e mental, sentimentos, opções e preferências das mulheres durante a assistência profissional [14]. Você já ouviu alguma história de intervenções desnecessárias, imposição de procedimentos, xingamentos ou recusa de acompanhante durante o parto?

11. Folha informativa - Violência contra as mulheres. Organização Pan-Americana da Saúde, 2017. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820). Acesso em: 06 jul. 2020.

12. BRASIL. Lei Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 08 jul. 2020.

13. BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. Central de Atendimento à Mulher. Balanço Anual 2016. Brasília, DF, 2016. Disponível em: [https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2017/06/Balanco-Anual-180\\_2016.pdf](https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2017/06/Balanco-Anual-180_2016.pdf). Acesso em 09 jul. 2020.

14. LANSKY, Sônia et al . Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 24, n. 8, p. 2811-2824.



# Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, de 2015 a 2019, foram registradas 11.754 notificações de violência motivadas por sexismo, verificando-se a maior incidência em mulheres cisgêneros\* (71%), heterossexuais (65%), com idade entre 20 e 39 anos (51%).

Em relação à raça/cor, 77% são brancas, 19% negras (preta ou parda), 70 mulheres indígenas, 42 amarelas e 272 fichas foram preenchidas com a opção “ignorado”.

É importante destacar que no Rio Grande do Sul, segundo dados do Censo Demográfico (2010), 84% das mulheres de declaram brancas, 15% negras, cerca de 18 mil amarelas e mais de 16 mil indígenas.

As principais violências praticadas são a física (40%), a psicológica/moral (36%) e a sexual (17%). O cônjuge e o ex-cônjuge são os principais autores das violências, correspondendo a 33% e 26% dos registros, respectivamente. Além disso, 57% das mulheres referem violência de repetição.

O sexismo torna-se um grave problema de saúde pública, pois incide negativamente em todos os âmbitos e ciclos de vida das mulheres, causando adoecimento e podendo levar à morte. Muitas vezes, o serviço de saúde é o espaço em que as mulheres conseguem romper com o silêncio, necessitando de profissionais preparados com escuta qualificada e que realize o acompanhamento necessário. Desse modo, compreender como o sexismo incide sobre a vida das mulheres permite mudanças nas estruturas da violência e promove a saúde na sua integralidade e equidade.

\*Ver Glossário.

## MÚSICA

Elza Soares - Maria da Vila Matilde  
Geni e o Zepelim - Letícia Sabatella (Chico Buarque)  
Simone e Simaria - Ele bate nela  
Naiara Azevedo - Coração Pede Socorro  
Nina Oliveira - Disque Denúncia  
Samba Que Elas Querem - "Nós Somos Mulheres"  
Bia Ferreira - Não precisa ser Amélia  
Kell Smith - Respeita as mina  
Mulamba - Mulamba  
Clarice Falcão - Survivor  
Ana Cañas - Respeita

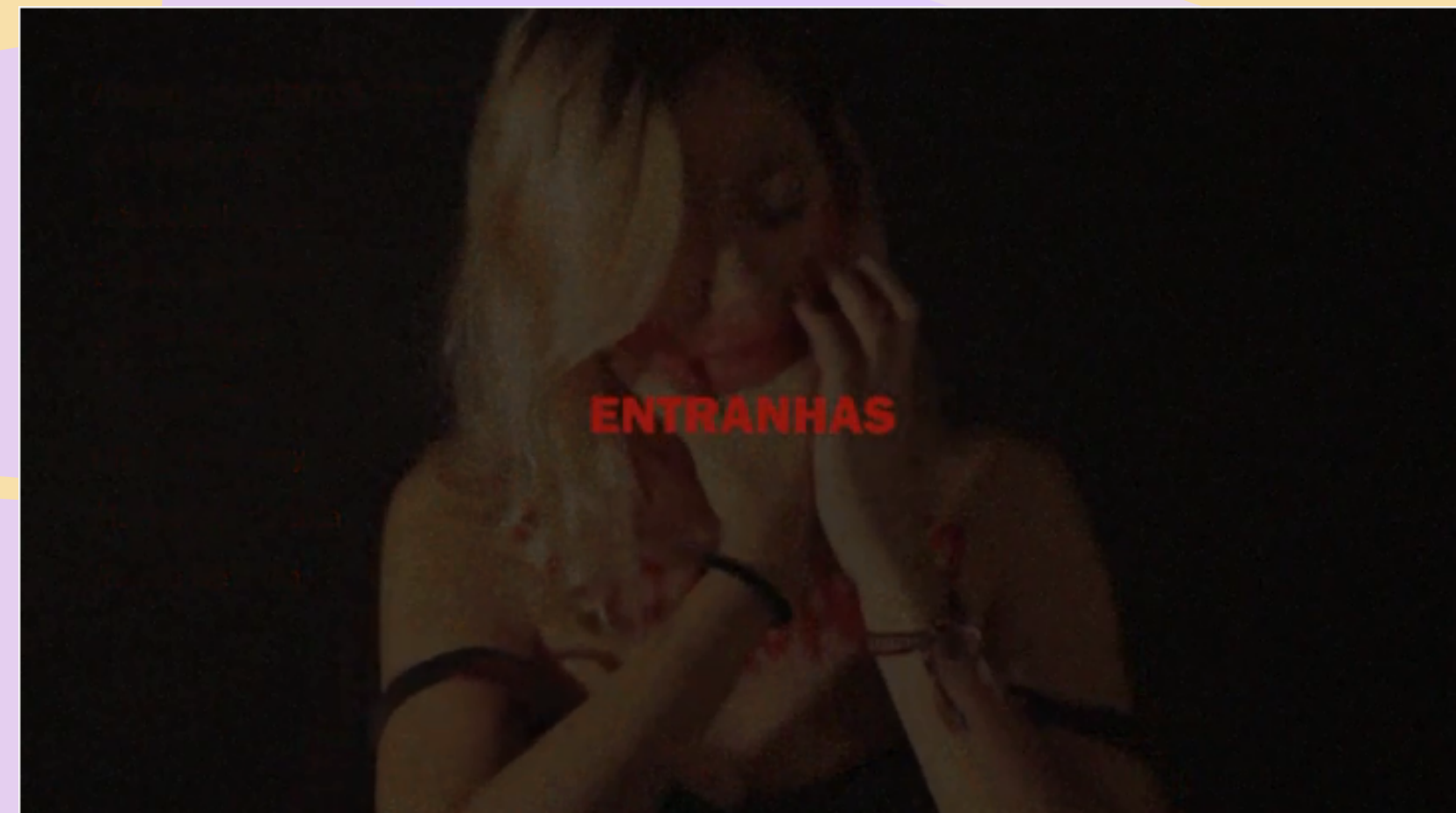
## INTERVENÇÃO

Xô machismo - Rede NAMI Arte Urbana  
American reflexxx - Alli Coates e Signe Pierce  
Zapatos rojos - Elina Chauvet  
Cultura apatukada - Erika Meza e Javier López

## PINTURA

Artemisia Gentileschi - Susanna e os anciãos (1611)  
Frida Kahlo - Umas Facadinhas de Nada (1935)  
Regina Parra - Tenho medo que sim (2018)

# DISPOSITIVOS ARTISTICOS



Marina Candelária gravou Entranhas na faculdade com algumas colegas. A música surgiu devido à situações de violência existentes em sua vida e na de mulheres próximas. Foi, ao mesmo tempo, um grito de socorro e um grito de guerra.

Clique sobre o material para acessar.



## FILMES

A cor púrpura (1985)	Aborda reflexões sobre sexismo, racismo, dinâmicas familiares e religião durante os ciclos de vida de Celie.
Um céu de estrelas (1996)	Retrata a história de Dalva e a violência que marca o relacionamento com o companheiro.
Pelos meus olhos (2003)	Narra a tentativa de Pilar em recomeçar sua vida depois da violência doméstica sofrida.
Anjos do sol (2006)	Retrata o tráfico infantil de meninas para exploração sexual no Brasil.
A fonte das mulheres (2011)	Em um vilarejo ao norte da África as mulheres se unem para exigir mudanças sociais.
Depois de Lúcia (2013)	Mostra os diferentes abusos sofridos pela adolescente Lúcia intensificados por ser mulher.
Vidas partidas (2016)	Conta a história de uma mulher vítima de violência doméstica desde a primeira agressão do marido até a separação.

# DOCUMENTÁRIOS

Silêncio das inocentes (2010)	Mostra a aplicação da Lei Maria da Penha no Brasil no intuito de ampliar a visibilidade sobre a violência doméstica.
No devagar depressa dos tempos (2014)	Retrata a realidade das mulheres que vivem no sertão brasileiro.
Violência Obstétrica: a voz das brasileiras (2015)	Aborda as situações de violência sofridas no momento do parto,
A máscara que você vive (2015)	Mostra como a construção cultural sobre o que é ser homem reflete sobre os meninos.
Precisamos falar do assédio (2016)	Depoimentos de mulheres que já foram vítima de algum tipo de assédio são coletados em uma van-estúdio.
Enquanto viver, luto! (2017)	Retrata 10 casos de violências e violações de direitos humanos de mulheres negras.
Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gêneros (2017)	A ONU Brasil reflete como a igualdade de gênero é uma questão que afeta a todas e todos, portanto, benéfica a homens e mulheres.
Maioria oprimida (2015)	Acompanhe uma realidade onde os homens sofrem situações de desrespeito e abuso vivenciados diariamente pelas mulheres.



## OUTROS MATERIAIS

Violência Doméstica: por que elas não vão embora?

Juliana Wallauer fala sobre a violência doméstica e como esse fato muitas vezes nos parece invisível.

Ciclo da violência doméstica

Saiba identificar as três principais fases do ciclo e entenda como ele funciona.

O ABC da violência contra a mulher no trabalho

Guia elaborado com o objetivo de esclarecer conceitos relacionados à violência contra a mulher no ambiente de trabalho.

48 coisas que mulheres escutam ao longo da vida

O sexismo retratado em todos os ciclos de vida das mulheres

O desafio da igualdade

Vídeo reflete o que se pode fazer pela igualdade de gênero desde a infância

Entrevista: Guerrilla Girls

Desde 1985, o grupo têm lutado contra desigualdades e opressões no mundo da arte, usando humor e ironia.

# HOMO/ LESBO/ BI/ TRANSFOBIA

A homofobia/ lesbofobia/ bifobia/ transfobia, ou LGBTfobia, é considerada o medo, a aversão, ou o ódio irracional à população de **Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT+)** e a todas e todos que manifestam identidade de gênero\* ou orientação sexual\* que difere do padrão social heteronormativo\* e cisnormativo\*. Esse tipo de violência manifesta-se em diferentes contextos e afeta o processo de saúde e adoecimento dessa população, necessitando de acompanhamento, notificação e ações em saúde direcionadas a esse grupo.

Atualmente se reconhece que existem outras orientações sexuais e identidades de gênero além da LGBT, como, por exemplo, gênero não binário, queer, pansexual, assexual, intersexo, entre outros.

É importante lembrar que a orientação sexual e a identidade de gênero são **autodeclaradas**, por isso precisa ser questionada ao invés de inferida.

\*Ver Glossário

## Identidade Oprimida

Teu afeto me afeta?  
 Tua história remete à minha história  
 É minha essa dor que sinto?  
 Roubo-a de ti para chorarmos juntos  
 Processo de simbiose  
 Teu afeto me afeta!  
 Tuas lágrimas em meu rosto  
 Tuas mágoas invadem meu coração  
 Um copo de tristeza para dois, ou mais?  
 Quem sentiu o soco no teu rosto fui eu  
 Já vivi a tua história?  
 E meu afeto, te afeta?

(Cauê Rodrigues, 2015)

Cauê Rodrigues é de São Leopoldo, psicólogo viado, militante do movimento LGBTQIA+, membro da ONG Ponto Gênero. Seus poemas são uma forma catártica de transformar seus afetos em arte.



No Brasil, entre 2015 e 2017, das 24.564 notificações de violências contra a população LGBT registradas no SINAN, verificou-se que quanto ao perfil dos indivíduos, 69,1% tinham entre 20 e 59 anos de idade, metade era negra (50%), 46,6% eram transexuais ou travestis e 57,6% eram homossexuais, dos quais 32,6% lésbicas e 25% gays.

Em todas as faixas etárias, a natureza de violência mais frequente foi a física (75%), e em 66,2% dos casos o provável autor foi do sexo masculino, sendo o principal vínculo o de parceiro íntimo (27,2%), seguido do de desconhecido (16,5%).

O local de maior ocorrência da violência foi a residência (61%), seguido da via pública (20,6%). A autolesão foi registrada em 24,6% das notificações e a violência de repetição esteve presente em 36,6% dos casos [15].

Historicamente, tanto a população negra como a LGBT foram marginalizadas, entretanto, as experiências da violência e discriminação ocorrem de forma diferente em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, nos quais operam de forma interseccional os marcadores sociais de raça/cor, classe, geração, orientação sexual e gênero [16].

A sexualidade que se desloca do padrão heterossexual cis normativo, estabelecido socialmente, aliada ao racismo estrutural, torna a pessoa negra LGBT ainda mais vulnerável às situações de violência. Reconhecer a intersecção entre esses diversos processos de violência e opressão é essencial para combatê-los [15].

15. PINTO, Isabella Vitral et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v23s1/1980-5497-rbepid-23-s1-e200006-SUPL-1.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

16. MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções. *cadernos pagu*, v. 42, p. 201-248, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00201.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

# Rio Grande do Sul

Do total das fichas de notificações de violência interpessoal/autoprovocada preenchidas de 2014 a 2017, no estado do Rio Grande do Sul [17], verificou-se elevada quantidade de fichas assinaladas como “ignorado” ou não preenchidas quanto à orientação sexual (total 39,71%) e à identidade de gênero (total 41,85%), campos 36 e 37 da ficha de notificação, respectivamente.

Campos 36 e 37 da ficha de notificação de violência interpessoal/autoprovocada

<b>36</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>3-Bissexual</b>	<input type="checkbox"/>
	1-Heterossexual	8-Não se aplica	
	2-Homossexual (gay/lésbica)	9-Ignorado	

<b>37</b>	<b>Identidade de gênero:</b>	<b>3-Homem Transexual</b>	<input type="checkbox"/>
	1-Travesti	8-Não se aplica	
	2-Mulher Transexual	9-Ignorado	

## Notificação de violência interpessoal/autoprovocada no RS (2014 – 2017)

Total - 76.478 notificações

Orientação Sexual	Homossexual (gay/lésbica)	Heterossexual	Bissexual	Não se aplica	Ignorado	Não preenchido
	1,09% (833)	36,39% (27.829)	0,20% (150)	22,61% (17.293)	21,34% (16.322)	18,37% (14.051)
Identidade de Gênero	Homem transexual	Mulher transexual	Travesti	Não se aplica	Ignorado	Não preenchido
	0,13% (96)	0,53% (402)	0,10% (79)	57,40% (43.898)	23,47% (17.952)	18,37% (14.051)

Fonte: SINAN/MS/CEVS/RS.

# Rio Grande do Sul

Violências motivadas por homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia, de 2015 a 2019, no Rio Grande do Sul, correspondem a 360 notificações.

Em relação à orientação sexual, 40% dos preenchimentos correspondem à orientação “homossexual (gay/lésbica)”, enquanto que no campo identidade de gênero, 54% das fichas foram preenchidas com a opção “não se aplica” (a qual engloba pessoas cisgênero) e 24% foram homens ou mulheres transexuais ou travestis.

Há um alto número de fichas preenchidas com a opção “ignorado/branco” tanto no campo orientação sexual (14%) quanto no identidade de gênero (22%).

## Violência motivada por homofobia/lesbofobia/bifobia/transfobia no RS (2015 – 2019)

### Total - 360 notificações

<b>Orientação Sexual</b>	Homossexual (gay/lésbica)	Heterossexual	Bissexual	Não se aplica	Ignorado/Branco
	40% (144)	23% (84)	3% (11)	19% (70)	14% (51)
<b>Identidade de Gênero</b>	Homem transexual	Mulher transexual	Travesti	Não se aplica	Ignorado/Branco
	5% (18)	12% (44)	7% (24)	54% (195)	22% (79)

Fonte: SINAN/MS/CEVS/RS.



# Rio Grande do Sul

Em relação à faixa etária, 53% tinham entre 15 e 29 anos, 82% eram brancos e 18% negros.

Quanto ao tipo, a violência mais frequente foi a física (41%), seguida da psicológica/moral (21%) e da lesão autoprovocada (16%).

O local de maior ocorrência da violência foi a residência (62%), seguido da via pública (17%).

O principal autor da agressão é alguém desconhecido(a), seguido da própria pessoa, ambos com 18%. Se analisarmos em relação à violência praticada por algum familiar (mãe, pai, padrasto, madrasta ou irmã/o) esse grupo aparece como o principal agressor, somando 25% das notificações.

A violência de repetição esteve presente no relatos das(os) usuárias(os), correspondendo à 42% dos registros.

O baixo número de registros de violência contra a população LGBT no SINAN do RS não significa que ela não exista!

O que acontece, muitas vezes, é o acesso limitado de pessoas LGBT nos atendimentos em saúde devido à percepção de que as(os) profissionais de saúde acabem perpetuando práticas discriminatórias.

O registro dos campos “orientação sexual”, “identidade de gênero” e violência motivada por homofobia/lesbofobia/bifobia/transfobia precisa ser qualificado para permitir uma análise fidedigna da violência contra essa população no estado, bem como gerar evidências para a criação de ações voltadas ao combate do preconceito e da discriminação e à diminuição das iniquidades de maneira interseccional no SUS.

## MÚSICA

Odair José - Forma de Sentir

Chicho Buarque - Tango de Nancy

Lulu Santos - Toda forma de amor

Cássia Eller - Gatas extraordinárias

Hollysiz - The Light

Hayley Kiyoko - Girls Like Girls

Não recomendados - Não recomendado

Johnny Hooker e Liniker - Flutua

Pablo Vittar - Indestrutível

Bia Ferreira - Levante a bandeira do amor

Urias - Andar em paz

## OUTRAS MÍDIAS

Pojecto heterenorma - Mujeres Publicas

Manual de comunicação LGBTI+

Série Todxs Nós (2020)

Fotografias antigas de casais homossexuais

## DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS



Euge Stumm é de Porto Alegre, ciberartista e estudante do curso de Psicologia da UFCSPA. Em suas obras, aborda predominantemente as interlocuções entre computadores, corpo, alteridade e dissidência.



# FILMES

Rafiki (2019)

Conta a história de amor de duas garotas que precisam enfrentar os preconceitos de uma sociedade conservadora.

Meninos não choram (1999)

Filme sobre a vida e os episódios de transfobia sofridos por Brandon Teena.

Hoje eu quero voltar sozinho (2014)

História do adolescente Leonardo e as descobertas sobre si e sua sexualidade.

Moonlight: Sob a Luz do Luar (2016)

Retrata a jornada de autoconhecimento e a descoberta da homossexualidade de Chiron.

Tomboy (2012)

Recorte de parte da infância de Laurie, que adota o nome Mickael, e a sua relação com outras crianças do bairro.

Laerte-se (2017)

Relato da vida da cartunista Laerte que passou a se expressar como mulher trans aos 60 anos.

Meu nome é Ray (2016)

História de um jovem trans e as suas questões familiares.

De gravata e unha vermelha (2015)

Debate sobre outras possibilidades do que é ser homem ou mulher.



Retrato de uma jovem em chamas (2019)	Apresenta a relação entre Marianne e Héloïse na França do século XVIII.
Meu nome é Jacque (2016)	Conta a história de Jacqueline, ativista e mulher trans.
Pariah (2011)	Narra a vida da adolescente Alike na construção da sua identidade.
Lembro mais dos corvos (2018)	Aborda a história de vida da infância até o presente de uma mulher trans.
Uma mulher fantástica (2017)	Marina (Daniela Vega), uma garçonete transexual, precisa lidar com a família, preconceito e sonhos.
Boy erased: uma verdade anulada (2018)	Garrad precisa escolher entre a família e amigos ou entrar num programa de terapia que busca a "cura" da homossexualidade.
Orações para Bobby (2009)	Mary Griffith tenta "curar" o filho Bobby mas acaba se tornando defensora dos direitos gays.
Minha vida em cor de rosa (1997)	Ludovic, de sete anos, começa a assumir uma identidade não correspondente ao assignado no nascimento e sua família oscila entre a repressão e a aceitação.

# DOCUMENTÁRIOS

Favela gay (2014)	Aborda preconceito e aceitação familiar, pela perspectiva de gays, lésbicas, travestis e transexuais das favelas cariocas.
Eu resisto (2017)	Documentário sobre vivências de mulheres lésbicas.
Vestido nuevo (2007)	Trata sobre questões de gênero no contexto escolar.
Homens trans	Curta-metragem que aborda a identidade dos homens trans.
ELX	Registro de conversas que refletem sobre as possibilidades para além da binaridade de gênero.
Webdocumentário Poptrans	Experiências com o SUS, o enfrentamento ao preconceito e seu cotidiano, a reinserção na sociedade com o nome social.
Niños rosados y niñas azules	Documentário chileno aborda a realidade de crianças e adolescentes trans e suas famílias.
Dzi Croquettes (2009)	Retrata a história do grupo que se tornaram símbolos da contracultura ao confrontar a ditadura e as normas de gênero.

# RACISMO

O racismo é uma forma de violência baseada no exercício de poder de uma raça sobre outra. Mesmo sendo reconhecido que o Brasil é formado a partir de, principalmente, três matrizes étnicas e culturais (tupi, africana e europeia), a história nos mostra que o país se consolidou a partir da ideia de superioridade branca [18]. Mas como isso pôde acontecer?

O racismo é uma herança do processo colonial no Brasil, e sustentou, inicialmente, a estratégia de dominação e exploração baseado na internalização da ideia de superioridade do colonizador sob o colonizado [19]. Isso fez com que existisse um poder do branco sobre as outras etnias, tendo como causa a **desigualdade racial** que coloca o branco num lugar de privilégio maior do que os outros povos.

## Como isso ocorreu?

Podemos citar, como exemplo, diferentes momentos da implantação do ensino público, em diversas províncias brasileiras, em que foi proibido o acesso de crianças negras à escola, ou seja, em alguns períodos somente crianças brancas exerciam o direito de estudar [20].

18. Ver obra "O povo brasileiro", de Darcy Ribeiro.

19. GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n°92/93 (jan./jun.) 1998b, p. 69-82..

20. ALMEIDA, Marco Antonio B.; SANCHEZ, Lilian. Os negros na legislação educacional e a educação formal no Brasil. Revista Eletrônica de Educação. v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1459/500>. Acesso em: 10 jul. 2020.



Quem pensa que essa violência acabou junto com o período de colonização do Brasil, está muito enganada(o)!

O racismo ainda persiste no cotidiano da população brasileira, expresso tanto de forma simbólica, como de maneiras mais concretas de violência, como a física. Maria Aparecida Silva Bento [21] menciona que o branco carrega o “[...] privilégio simbólico da brancura [...]”, fruto da produção de um modelo universal de humanidade, que coloca os grupos raciais não-brancos fora do padrão de humanidade.

Para a autora, ao mesmo tempo que há fortalecimento da autoestima e do autoconhecimento do grupo racial branco, há também um imaginário negativo sobre os grupos não brancos, “[...] que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais.”

Inclusive, muitas vezes, as pessoas brancas não refletem sobre o seu lugar de privilégio na sociedade, contribuindo com essa violência a partir de piadas pejorativas e estereótipos atribuídos a populações não brancas. Muitas vezes, também, evitam tanto questionar esse privilégio, que não conseguem identificar uma situação de racismo, e isso faz com que a violência se mantenha. Precisamos mudar isso!

Você sabia que o preconceito, a discriminação racial e o racismo institucional são os principais agravantes de óbitos por suicídio em jovens negros? No entanto, “[...] muitas vezes as queixas raciais podem ser subestimadas ou individualizadas, tratadas como algo pontual, de pouca importância e ainda culpabilizando aquele que sofre o preconceito[...].” [22].

21. BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (orgs). Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (p. 27).

22. BRASIL, Ministério da Saúde. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Universidade de Brasília, Brasília, 2018. (p. 14) Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf). Acesso em: 10 jul. 2020.

# Rio Grande do Sul

O racismo é considerado crime no Brasil. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (ABSP) de 2019 [23], em 2018 o Rio Grande do Sul teve um aumento de 7,3% de notificações de injúria racial, demonstrando que houve uma ampliação de denúncias dessa violência. Já na área da saúde, ainda há um número baixo de notificação sobre essa motivação.

Conforme as notificações registradas no SINAN, de 2015 a 2019, foram notificadas **95 situações de violência cometidas por racismo**, enquanto que o Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicou que, somente no ano de 2018, no Rio Grande do Sul tiveram 1507 registros. Isso demonstra que, possivelmente, os casos de racismo aparecem com mais frequência na área da segurança, por seu âmbito criminal. No entanto, esses dados também podem demonstrar que, nos serviços de saúde, pouco se identifica o racismo como fator determinante de violência.

23. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISSN 1983-7364, ano 13, 2019. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf). Acesso em: 13 jul. 2020.

No seu cotidiano de trabalho e com base no que apresentamos aqui, você percebeu que o racismo e as desigualdades raciais são determinantes sociais das condições de saúde [24]? Ou seja, são fatores que impactam o processo saúde-doença da população afetada. Pois é, isto ocorre porque, assim como as outras formas de violência, o racismo causa sofrimento e interfere drasticamente na vida das pessoas afetadas.

### Existe racismo reverso?

A resposta é não. Conforme contextualizamos, o racismo é estrutural, ou seja, faz parte da dinâmica sócio-histórica do Brasil. A população branca esteve sob privilégios que se perpetuam até os dias atuais. Assim, as pessoas brancas não sofrem racismo, pois, historicamente, não são depreciadas por sua cor, pelo contrário, sempre usufruíram de privilégios, simplesmente, por serem brancas.

24, BRASIL, Portaria nº 992, de 13 de março de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992\\_13\\_05\\_2009.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html). Acesso em: 13 jul. 2020.

### Aqueles Olhos

Aqueles olhos...  
Que se tornaram estrangeiro em mim  
Na verdade  
Não me traziam proteção  
Como a todo e qualquer cidadão

Sentia um alívio quando eles piscavam  
Desfocavam de toda e qualquer movimentação  
Parecia um turbilhão quando girava o pescoço

Apesar do alvoroço, me senti protagonista  
Naquele mercado!  
Definitivamente

Me chamou atenção aqueles olhos  
Que me abordaram, sem usar a força  
Me violentaram, sem mencionarem seus nomes

E no final...  
Aquele cena  
Só me permite a lembrança  
Daquelas compras...  
Efetuadas com a dignidade de um dia de labor  
Amanheceram com dor  
E a certeza de que...  
Aqueles olhos, um dia se apagarão!

(Everson Jaques Vargas, 2014)

Everson Jaques Vargas é de Campo Bom, estudante de Psicologia, poeta do cotidiano e pesquisador no campo de Diálogo Inter-religioso e Povos Tradicionais brasileiros. Em sua caminhada com a poesia, se tornou amante das poesias e poemas pretos de Solano Trindade, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.



## MÚSICA

A carne - Elza Soares

Cota não é esmola - Bia Ferreira

Preta - Nina Oliveira

Gritaram-me negra - Vitória Santa Cruz

Povo guerreiro - Criolo

## SÉRIE

Bem-vindo a Marly-Gomont (2016)

História de uma família do Congo que se muda para o interior da França e lida com a rejeição dos moradores locais.

Cara gente branca (2017)

Trata sobre a vida de jovens negros na universidade norte-americana.

Guerras do Brasil.doc (2018)

Retrata diferentes versões dos principais conflitos armados da história do Brasil

Fronteira Verde (2019)

Aborda questões atuais sobre a realidade dos povos indígenas, além de tratar de acontecimentos históricos que se passaram na Amazônia e questões místicas da natureza.

# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

# FILMES

Quanto vale ou é por quilo? (2005)

Apresenta as semelhanças entre o regime de escravização e os dias atuais.

Estrelas Além do Tempo (2016)

Conta a história de três mulheres negras, trabalhadoras da Nasa e que tiveram um papel fundamental.

Histórias Cruzadas (2011)

Retrata a história de mulheres negras que trabalham nas casas da elite branca, nos anos 60, em Mississippi.

Preciosa: Uma história de esperança (2009)

Aborda reflexões sobre a adolescência, violência intrafamiliar, gravidez, gênero e raça.

Corra! (2017)

Chris, um jovem negro, namora Rose, uma jovem branca, e viaja com ela para conhecer os sogros.

Taego ãwa: resistência a colonização (2018)

O filme narra a história de resistência pela terra do povo Tupi.

12 anos de escravidão (2013)

História de um homem negro que foi escravizado e passa por diversas situações de exploração.

Palmeiras na Neve (2015)

História de amor entre uma mulher negra e um homem branco que trabalham em uma plantação de café na Guiné Equatorial.

# DOCUMENTÁRIO

As hiper mulheres (2012)

Retrata o maior ritual feminino do Alto Xingu (MT).

A 13ª Emenda (2016)

Análise da situação prisional nos Estados Unidos e a criminalização da população negra.

[Clique sobre o material para acessar.](#)

# OUTROS MATERIAIS

Ser negro no Brasil

Jaqueline Conceição reflete sobre a construção das identidades negras e nacionais no Brasil atual.

Violência contra os povos indígenas no Brasil

Relatório sobre as violências sofridas pelos povos indígenas no ano de 2018.

Gritaram-me negra

Poema da compositora, coreógrafa e desenhista afroperuanada Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra.

Lugar de fala - Djamila Ribeiro

Livro em que a autora dialoga diversas teorias para refletir sobre o silenciamento e a invisibilidade da mulher negra na história.

Pequeno Manual Antirracista - Djamila Ribeiro

Livro em que a autora discute sobre o racismo e as formas de combatê-lo.

As areias do imperador - Mia Couto

Trilogia narrada em Moçambique e aborda questões principalmente referentes a raça e gênero.



# INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A humanidade vem presenciando distintas formas de violência [25] entre os povos, motivadas por atos intolerantes ao que foge do padrão criado socialmente. Em relação à intolerância religiosa, frequentemente as mídias noticiam os ataques de terceiros contra muçulmanos, adeptos de religiões de matriz africana, e demais categorias estigmatizadas. Um exemplo disso são os estereótipos distorcidos que associam o Islã ao terrorismo, assim como os terreiros que são alvo de depredação por serem considerados “demonizados”.

Assim como o racismo, a história do processo de formação no Brasil é a base essencial para compreendermos esta motivação de violência. Conforme mencionamos anteriormente, o processo de colonização possui um direcionamento etnocêntrico pautado em dogmas culturais e visão de mundo do colonizador europeu.

Neste contexto, os povos indígenas sofreram com a “desaculturação” dos seus costumes e uma das estratégias foi a imposição hegemônica do catequismo com a intervenção dos jesuítas e missionários nas aldeias.

As mulheres e homens negros que sofreram escravização no cenário da diáspora africana, também tiveram que suprimir seus cultos e adaptar suas crenças, através do sincretismo afro-católico, como forma de resistência e preservação da identidade cultural [26].

Os colonizadores portugueses tinham como ideologia a imposição da fé católica a todos e sua missão era converter os considerados hereges e infiéis. Portanto, todas as expressões religiosas não-católicas romanas não eram toleradas [27].

25. MOURA, Regina Bustamante. Violência na história. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

26. BRASIL. Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015): resultados preliminares. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização, Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. 146 p. Disponível em: <http://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioIntoleranciaViolenciaReligiosaBrasil.pdf>. Acesso em 13 jul. 2020.

27. SILVA, Clemildo Anacleto da e Mario Bueno Ribeiro. Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2007.

Desde 1890, o Brasil é considerado um estado laico e atualmente faz parte de um acordo que aponta a liberdade religiosa como direito fundamental na Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo XVIII, 1948).

O inciso VI, do artigo 5 da Constituição Federal determina como “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” [28], assegurando o direito à pluralidade dos indivíduos.

Você sabia que somente no primeiro semestre de 2019, foram registradas 354 denúncias de intolerância religiosa no Brasil [29]?

Isto evidencia um aumento de 56% em relação ao ano anterior. Dentre as religiões, a de matriz africana foi a mais atingida, fato que está relacionado com os estigmas, estereótipos e preconceitos que permanecem no imaginário popular, seja por falta de informação ou extremismo religioso.

Com isso, podemos entender que, em virtude dessa formação histórica do país, a intolerância religiosa está intrinsecamente relacionada com a manutenção do racismo que permanece engendrado na sociedade atual.

A intolerância religiosa é definida como “um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana” [30].

No âmbito da saúde, a percepção sobre a religiosidade e a espiritualidade é necessária para perceber os sujeitos sobre os aspectos da integralidade, pois atuam de forma significativa na saúde física e mental das pessoas, previnem doenças, reduzem óbitos e o impacto de doenças.

28. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 13 jul. 2020.

29. BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Acesso à Informação. Disque 100. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/disque-100-1>. Acesso em: 14 jul 2020. Acesso em 14 jul. 2020.

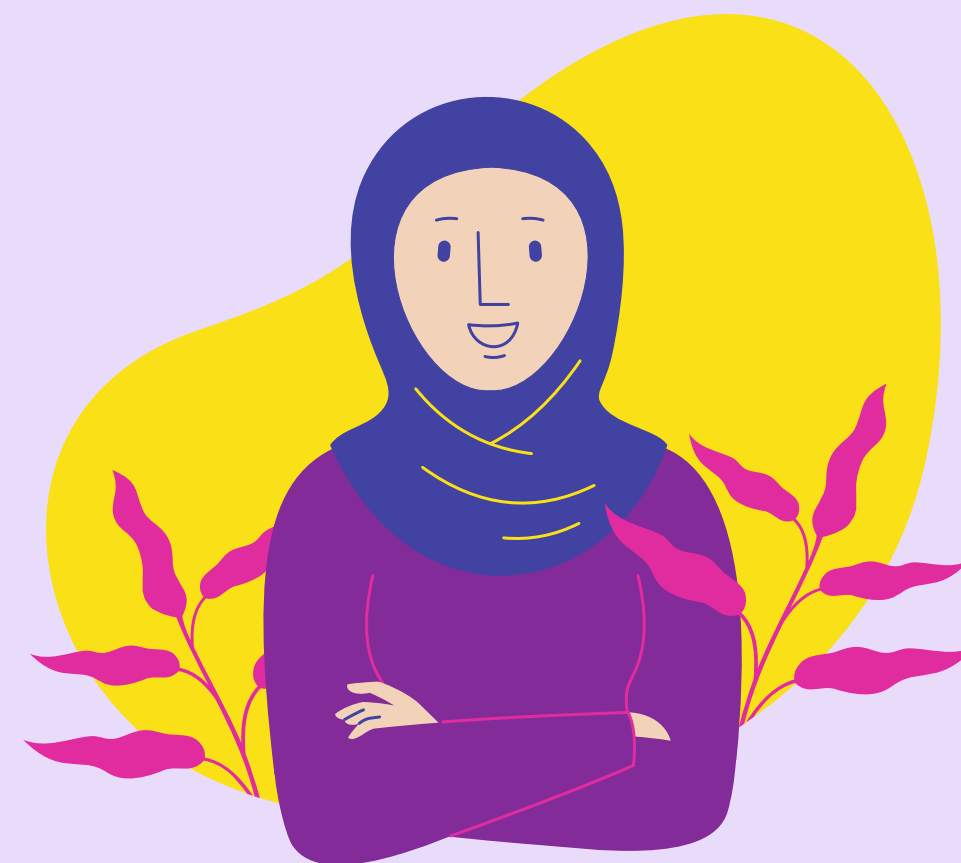
30. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovoçada. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016, p. 55. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpessoal\\_autoprovoçada\\_2ed.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovoçada_2ed.pdf). Acesso em 14 jul. 2020.

# Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, identificou-se, através do SINAN, que, entre os anos de 2015 a 2019, houve um total de **49** casos notificados de intolerância religiosa no estado.

Tal fato requer atenção em relação às subnotificações, pois os números podem ser mais expressivos devido ao silenciamento das vítimas, preenchimento inválido dos campos e fragilização na capacitação das(os) profissionais acerca desse tipo de motivação de violência.





# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

## MÚSICA

Martinho da Vila - Sincretismo religioso

Gilberto Gil - Andar com Fé

Maria Bethânia - As Ayabás

Gilberto Gil - Filhos de Gandhi

## PINTURA

Benedito Calixto - Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçu

Naif de Jose Luiz S. - Sincretismo religioso

## FILMES

Clique sobre o material para acessar

O pagador de promessas (1962)

Narra a trajetória de Zé do Burro em tentar cumprir a promessa realizada à Santa Bárbara.

A cidade das mulheres (2005)

Aborda as mulheres da Bahia a partir do recorte raça/racismo, religião e questões de gênero.

O jardim das folhas sagradas (2011)

Retrata o candomblé e a história de Miguel que assume a administração de um terreiro.

Híbridos - o filme (2017)

Revela os laços entre diferentes religiões mostrando a multiplicidade do sincretismo religioso.

# DOCUMENTÁRIOS

Além do Ateu e do Ateísmo (2012)

Entrevistas que abordam a vivência e o preconceito que os ateus e o ateísmo sofrem.

A intolerância contra as religiões de matrizes africanas no Brasil (2015)

Produzido pelo Centro de Informação da ONU para o Brasil (UNIC Rio) aborda as causas da intolerância religiosa.

Intolerância Religiosa (2017)

Documentário reflete sobre a intolerância religiosa no Brasil.

Interfaces do Racismo: Racismo Religioso (2018)

Como o racismo religioso se apresenta no Brasil, organizado pela Defensoria Pública da União.

A dona do terreiro (2018)

Retrata o percurso de uma mulher negra onde ela é a única líder mulher religiosa.

Fevereiroiros (2019)

Documentário sobre Maria Bethania percorrendo questões históricas do samba, tolerância religiosa e racismo.

## OUTROS MATERIAS

Tudo começa pelo respeito - Ana Mari

Anamari recita uma poesia numa campanha nacional pelo respeito nas práticas de fé.

Tenda dos milagres - Jorge Amado

Livro onde o autor reflete sobre o preconceito racial e religioso.

Hibisco Roxo - Chimamanda Ngozi Adichie

Narra a história de uma menina nigeriana e sua família, abordando reflexões sobre conflitos familiares, religião, gênero e conflitos políticos.

A queda do céu: palavras de um xamã  
Yanomami (2016)

Livro testemunho autobiográfico de Davi Kopenawa, xamã e porta-voz dos Yanomami.



# XENOFOBIA

Com o processo de globalização, crises humanitárias, conflitos e violações de direitos humanos, são crescentes os fluxos migratórios no plano nacional e internacional. Entre bagagens e fronteiras, essas pessoas carregam diferentes nacionalidades, histórias, modos de vida, culturas, idiomas, raça/cor, religiões e demais particularidades.

Você sabia que, especificamente no Brasil, entre os anos de 2011 a 2018, foram registrados um total de 774,2 mil migrantes e refugiados? A maioria é jovem, do sexo masculino, com escolaridade de ensino médio e superior, sendo a maioria composta por haitianos, venezuelanos e colombianos [31].

31. CAVALCANTI, Leonardo et al. Resumo Executivo. Imigração e Refúgio no Brasil. A inserção do imigrante, solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OB Migra 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 15 jul. 2020.

32. SQUEFF, Tatiana de A. F. R. C.; PEREIRA, Gustavo de Oliveira Lima. A política interna brasileira de proteção aos refugiados, apátridas e vítimas de tráfico de pessoas: o caso do COMIRAT. Revista InterAção, Santa Maria, v. 12, n. 12, p. 17-40, Jan/Jun 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/29433>. Acesso em: 15 jul. 2020.

33. Site oficial Agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/apatridas/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

## Quem são?

O direito internacional e outras normativas jurídicas estabelecem diferentes nomenclaturas conceituais para pessoas em deslocamento. Dentre estes, destacam-se:

### Migrantes voluntários

Mudam de país, de forma legal ou irregular, na procura por melhores condições de vida ou outras motivações.

### Migrantes forçados/refugiados

São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados [32, 33].

No campo da efetivação dos direitos, as normativas brasileiras, [34, 35] determinam que este grupo possui garantia de acesso às políticas públicas e, desse modo, atendimento gratuito e equânime no SUS, mesmo que toda a documentação não seja apresentada.

Sob essa perspectiva, é relevante compreendermos que esses sujeitos possuem suas especificidades e enfrentam diversas barreiras sociais que, em si, representam situações de vulnerabilidade, tal como a perda do convívio familiar e/ou comunitária, ruptura dos vínculos e significados culturais, condições precárias de vida, entre outros [36].

Assim, a escuta humanizada pelas(os) profissionais da saúde, configura-se como um instrumento importante para identificar e atender suas principais demandas em saúde, bem como outras necessidades que possam ser encaminhadas para a rede intersetorial.

Relativo a isso, é importante identificar situações de violência motivadas por xenofobia, que, conforme o instrutivo do MS [37], expressam a discriminação social contra pessoas de variadas culturas e origens. Esse crime de ódio evidencia situações humilhantes, constrangedoras e agressões físicas e morais àqueles(as) que não são naturais do lugar do(a) agressor(a). A xenofobia contra pessoas do mesmo país ou região, também está inserida nesta tipologia de crime, tendo em vista que também é um crime de ódio e não possui um termo técnico específico.

34. BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 1997. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm). Acesso em: 15 jul. 2020.

35. BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm). Acesso em: 15 jul. 2020.

36. BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde, migração, tráfico e violência contra mulheres: o que o SUS precisa fazer : caderno pedagógico / Ministério da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 52 p. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/saude\\_migracao\\_trafico\\_violencia\\_saber.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/saude_migracao_trafico_violencia_saber.pdf). Acesso em: 16 jul. 2020.

37. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpersoal\\_autoprovocada\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpersoal_autoprovocada_2ed.pdf). Acesso em: 16 jul. 2020.

# Rio Grande do Sul

Entre os anos de 2015 a 2019, ocorreram 31 notificações de violência motivada por xenofobia no estado registradas no SINAN, sendo o gênero feminino o mais impactado, representando 28 casos do total. Nesse dado fica claro o perfil epidemiológico que perpassa determinantes de etnia e gênero. Todavia, sabemos que há casos de xenofobia que permanecem velados e, portanto, há subnotificações.

Nesta lógica, promover um espaço de escuta e acolhimento para identificar a situação de violência, realizar os devidos encaminhamentos e registrar a notificação, são essenciais para a efetivação dos seus direitos de modo integralizado.





# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

## MÚSICA

Refugees in Brazil - Refugiados no Brasil  
Jair Rodrigues e Dominginhos - Migração  
Luiz Gonzaga – Asa Branca  
Gilberto Gil - Lamento sertanejo  
Legião Urbana - Faroeste Caboclo  
M.I.A. - Borders  
Crowded House – Help Is Coming  
Tribalistas - Diáspora  
Neuber Uchôa - Somos todos hermanos

## FOTOGRAFIA

Espelhos Negros

Mostra fotográfica sobre imigrantes senegaleses e haitianos que se deslocam por cidades do Rio Grande do Sul.

A coisa mais importante

Retrato do que os refugiados levaram consigo mostram elementos de suas vidas e culturas.

# FILMES E DOCUMENTÁRIOS

Cara do Mundo (2018)

A produção traz narrativas de migrantes e refugiados que vivem na cidade de São Paulo.

#Anne Frank: vidas paralelas (2019)

Retrata a história da adolescente judia Anne Frank, que enfrentou os horrores do Holocausto.

Xenofobia: um crime silencioso (2018)

O curta traz visibilidade ao tema, destacando as vivências das pessoas que passaram por xenofobia.

Bacurau (2019)

Reflexões sobre a xenofobia contra a população nordestina, a desigualdade social e violências no Brasil contemporâneo

Território Restrito (2009)

Retrata as experiências de pessoas com diversas nacionalidades que estão irregulares nos Estados Unidos.

Samba (2014)

Um senegalês que vive na França há dez anos, mas ainda não conseguiu um visto permanente.

La Jaula de Oro (2013)

Um grupo de adolescentes de uma favela na Guatemala que viajam aos Estados Unidos em busca de uma vida melhor.

O Porto (2011)

Conta a história de um garoto africano (do Gabão) que viaja com um grupo de imigrantes ilegais dentro de um contêiner.

# CONFLITO GERACIONAL

Muitas vezes, o conflito geracional é confundido por brigas entre pessoas do mesmo ciclo de vida. Mas para o Ministério da Saúde, o conflito geracional diz respeito às “discrepâncias culturais, sociais ou econômicas entre duas gerações, que pode ser causada por trocas de valores ou conflitos de interesse entre gerações mais jovens e gerações mais idosas.” [38]. Neste sentido, o conflito geracional está relacionado com o termo “geração”, que se refere a indivíduos que possuem idades próximas, vivem numa mesma época ou tempo social e compartilham alguma forma de experiência ou vivências [39].

38. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada [recurso eletrônico]. 2. ed. Brasília: 2016. 92 p. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpessoal\\_autoprovocada\\_2ed.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

39. MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Soc. estado., Brasília, v. 25, n. 2, 2010. (p. 229). Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200005&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 15 jul. 2020.

Toda geração tem uma marca histórica, social, cultural, política e de ciclo de vida. Você já percebeu que a forma como esses aspectos afetam as pessoas de um mesmo grupo geracional ocorre de forma completamente diferente de sujeito a sujeito? Por exemplo, uma mulher de 50 anos, moradora de um bairro periférico, terá experiências totalmente diferentes de um homem de 50 anos, morador do centro da cidade, mesmo que os dois sejam da mesma geração.

Com isso, podemos entender que pode ser complexa a convivência entre pessoas do mesmo grupo geracional, agora, imagina que isso pode se complexificar ainda mais quando se trata de convivências intergeracionais!

Em todo o lugar compartilhamos alguma forma de convívio com pessoas de diferentes gerações (idosos, adultos, jovens, adolescentes e crianças), seja nos espaços de trabalho ou de lazer, nas relações familiares ou de comunidade. Mas cada geração apresenta formas de entender as coisas e de viver. Desse modo, vivemos o constante desafio de lidar com as diferentes formas de vida e de compreensão de mundo que se apresentam no encontro de diferentes gerações.

O conflito ocorre quando as divergências existentes entre as gerações, se sobressaem no convívio dos sujeitos e, conseqüentemente, desencadeiam situações de violência.

É importante estarmos atentos se a violência ocorreu por conta de conflito de gerações ou se foi por algum tipo de preconceito. Por exemplo, um conflito que ocorre entre familiares por conta da orientação sexual das(os) filhas(os) é compreendido como LGBTfobia.

Perceba que mesmo que o conflito tenha se dado entre pessoas de diferentes gerações, há um motivo mais profundo, que é o preconceito e discriminação sexual. Por isso, precisamos estar atentos em relação ao que realmente motivou tal violência.



# Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, entre os anos de 2015 e 2019, foram registradas 9018 notificações de violência interpessoal/autoprovocada motivadas por conflito geracional.

O maior número de violência ocorreu entre pessoas do sexo feminino (75%). Em relação à faixa etária, 20% das notificações correspondem às pessoas entre os 20 e 29 anos, seguido das faixas etárias de 15 a 19 anos e 30 a 39 anos, ambas com 17% das notificações.



# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

## MÚSICA

Legião Urbana - Pais e filhos

Xenia França - Pra que me chamas?

Bantoslguape - Oro mimá

Zé Rodrix - Gerações

## SÉRIE

Modern Family (2009)

Retrata a convivência e o cotidiano de uma família.

Casa de las Flores (2018)

História de uma família que precisa lidar com seus segredos familiares e com as diferentes gerações que convivem.

Merlí (2015)

Trata sobre o convívio entre professores, alunos adolescentes e familiares.

# FILME

Sexta-feira muito louca (2003)

Mãe e filha trocam de corpo e precisam lidar com a vida da outra, percebendo as diferenças entre gerações.

Rasga Coração (2018)

Trata de conflitos entre pai e filho relacionados às escolhas feitas por cada um.

Viver duas vezes (2020)

Uma família precisa lidar com as diferenças das gerações.

Que horas ela volta? (2015)

Fala sobre a relação de pais e filhos, sua diferenças e como são afetadas pela situação social das famílias.

Álbum de família (2013)

O reencontro de uma família gera uma série de conflitos entre todos e grandes segredos são revelados.

Aos treze (2003)

Tracy vive sua adolescência marcada por conflitos com a mãe com seus professores e com seus antigos amigos.

As virgens suicidas (1999)

Conta a história de cinco irmãs que precisam lidar com as rígidas regras de sua mãe.

Cinco graças (2015)

Em um vilarejo turco, irmãs são punidas após brincarem com os meninos, ato considerado escandaloso para a família.

# SITUAÇÃO DE RUA

A existência de pessoas em situação de rua é composta por uma multiplicidade de fatores e atravessada por questões sociais e políticas. A rápida urbanização ocorrida no século 20, a migração para grandes cidades, a formação de grandes centros urbanos, as relações contraditórias entre capital e trabalho promovendo desigualdade social, pobreza, desemprego, o preconceito da sociedade com relação a esse grupo populacional e, muitas vezes, a ausência de políticas públicas são fatores que colaboram para o agravamento e o crescimento do número de indivíduos nessa situação [40].

Violências como as quais vimos acima, vivenciadas no contexto intra ou extrafamiliar, podem gerar sofrimento e adoecimento psíquico e levar ao uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, ao desemprego e à busca da rua como fuga desse contexto.

## Quem são as pessoas em situação de rua?

São pessoas que possuem, em comum, a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utilizam os logradouros públicos como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Em 2015, a estimativa das pessoas vivendo em situação de rua no Brasil foi de 101.854, sendo que a maioria (77%) delas vivia em municípios de grande porte e na região Sudeste (49%). As características majoritárias das pessoas que constituíam a população em situação de rua eram: sexo masculino, adultos jovens (25 e 44 anos), exerciam atividade remunerada, passavam a maior parte do tempo nas áreas comerciais das cidades.

40. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Saúde da população em situação de rua: um direito humano. Brasília, DF, 2014. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_populacao\\_situacao\\_rua.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_situacao_rua.pdf). Acesso em: 16 jul. 2020.



Na rua, a estigmatização dessa população é um fator que a vulnerabiliza e a torna mais exposta às diversas formas de violência. Em análise realizada pelo Ministério da Saúde, entre os anos 2015 a 2017, no Brasil, verificou-se que a maioria das notificações de violência motivadas pela situação de rua foi observada entre pessoas do sexo feminino, jovens (15 a 34 anos), de raça/cor negra e heterossexuais.

Quanto à identidade de gênero, os campos mais preenchidos foram, na sequência: “não se aplica”, “ignorado” e mulher transexual. A violência física foi o tipo de violência mais relatado, sendo o provável autor alguém desconhecido. As lesões autoprovocadas foram mencionadas em 7,3% das notificações de violência [41].

A vulnerabilidade, a experiência da violência e da discriminação afetam o mundo das pessoas em situação de rua, promovendo medo e insegurança, e colocam essa população em um estado constante de alerta e tensão. A ausência de uma estimativa para a população em situação de rua, por meio de um censo nacional, a falta ou a insuficiência de serviços adequados e especializados, a restrição e o controle dos serviços e dos espaço público, configuram formas de violência institucional e simbólica que contribuem para a reprodução de desigualdades e para a vulnerabilização dessas pessoas [42].

### O bicho

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira (1947)

41. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 50, n. 14, Jun. 2019. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/junho/13/2019-010-publicacao.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

42. PIMENTA, Melissa de Mattos. Personas e situación callejera en Porto Alegre: Procesos de estigmatización e invisibilidad social. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 19, n. 1, p. 82-104, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/civitas/v19n1/1984-7289-civitas-19-01-0082.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Para as mulheres, a vida na rua exige que elas lidem com uma diversidade de situações que envolvem diretamente a relação com o seu corpo, sexualidade e, em alguns casos, com o cuidado dos filhos. A violência sexual é relatada com frequência, além das violências físicas praticadas por pessoas ou grupos intolerantes com a situação vivida por elas, como policiais, trabalhadores dos albergues, indivíduos contratados por comerciantes ou moradores que se sentem prejudicados pela sua presença. Ser mulher na rua reflete, muitas vezes, a violência pregressa vivenciada desde a infância que permanece na realidade social [43].

A violência contra as pessoas negras em situação de rua é impulsionada pelo preconceito racial, desde como a sociedade foi estruturada até ao modo em que se processa a distribuição de riquezas. O racismo expressa-se na privação material e sobre as condições de trabalho, rendimentos e escolaridade. A violência simbólica também atravessa as experiências dos moradores de rua negros. O ser negro em situação de rua agrava a vulnerabilidade e o sofrimento [44].

Quanto às mulheres travestis e transexuais em situação de rua percebe-se que, muitas vezes, esse espaço é buscado como possibilidade de sustentar sua identidade de gênero em um âmbito familiar marcado pelo preconceito e não aceitação. Na rua, entretanto, diante da deslegitimação reiterada das travestilidades e transexualidades presentes na sociedade, são ainda mais vulnerabilizadas através da subalternidade no trabalho, no relacionamento com o parceiro e na banalização da violência sofrida [45].

43. BISCOTTO, Priscilla Ribeiro et al. Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 50, n. 5, p. 749-755, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v50n5/pt\\_0080-6234-reeusp-50-05-0750.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v50n5/pt_0080-6234-reeusp-50-05-0750.pdf). Acesso em: 13 jul. 2020..

44. PINHO, V.A.; GRANDO, B.S.; PINHO, A.M. Jovens negros e negras em situação de rua em Cuiabá: um estudo das experiências em direitos humanos. In: GUIMARÃES, Solange T. de Lima; CARVALHO, Claudia Cristina Ferreira; PASSOS, Luiz Augusto; MARÍN, José, organizadores. RuAção: das epistemologias da rua à política da rua [Internet]. Cuiabá: EdUFMT, Editora Sustentável; 2014. E-book. Disponível em: <https://editorasustentavel.wordpress.com/2015/08/19/e-book-ruacao-disponivel-para-download/>. Acesso em 13 jul. 2020

45. DIAS, André Luiz Freitas et al. À margem da cidade: trajetórias de invisibilidade e exclusão de travestis em situação de rua. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 8, n. SPE, p. 214-233, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8nspe/05.pdf>. Acesso em 14 jul. 2020.

# Rio Grande do Sul

O RS, de 2015 a 2017, em comparação aos demais estados do Brasil, aparece como responsável por 4,4% das notificações de violência cuja motivação principal foi “situação de rua” [46].

Esse dado não significa simplesmente um contexto de menor violência, e sim pode apontar para um sistema de vigilância que não esteja captando tanto esse fenômeno. Existe uma alta proporção de casos de violência entre os moradores de rua que nem sempre são notificados devido a não procura ou dificuldade de acesso ao serviço de saúde pela vítima, o não registro dessas ocorrências no sistema de notificação por parte do profissional de saúde e/ou o não preenchimento do campo “motivação da violência”.

No período de 2015 a 2019, foram registradas 1370 notificações de violência motivadas pela situação de rua no SINAN.

Em relação ao perfil, a maioria das notificações observadas ocorreu entre pessoas do sexo feminino (51%), heterossexuais (67%), com idade entre 15 a 29 anos (48%). Em relação à raça/cor, 68% das pessoas se autodeclararam brancas e 26% negras (pretos e pardos). Quanto à natureza, o maior registro foi a violência física (63%), a psicológica/moral (16%) e a lesão autoprovocada (6%). Pessoas desconhecidas foram as principais autoras de violência motivadas por situação de rua (40%), seguido de amigos e conhecidos (33%). Quanto à violência de repetição, estava presente em 23% dos registros.

46. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 50, n. 14, Jun. 2019. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/junho/13/2019-010-publicacao.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

## MÚSICA

Morador de Rua - Juka Bala

Projeto #ExisteAmor - Milton Nascimento e Criolo

## DOCUMENTÁRIO

A sós - relacionamentos em situação de rua

Pessoas em situação de rua refletem sobre viver só ou acompanhado.

A margem da imagem

Aborda temas pertinentes à realidade das pessoas em situação de rua.

Boca de Rua - vozes de uma gente invisível

Conta a história do único jornal do país produzido inteiramente por pessoas em situação de rua.



## OUTROS MATERIAIS

Trânsito das ruas

Mulheres trans em situação de rua refletem sobre sua situação e experiências.

Mulheres em situação de rua

Reportagem sobre como a violência afeta a vida das mulheres em situação de rua.

A Vida que ninguém vê

Nesse livro Eliane Brum retrata o extraordinário contido em vidas anônimas.

Vidas de Rua

No livro, Cleisa Moreno Maffei Rosa reflete como a conjuntura econômica e política dos anos 80/90 influenciou no desemprego e precariedade das vidas humanas.

Poder e Contrapoder - Imprensa e morador de rua em São Paulo e Paris

Camila Giorgetti, nesse livro, aborda a pessoa em situação de rua e a busca por visibilidade na sociedade, no Estado, na academia e na mídia.

# DEFICIÊNCIA

Essa motivação ocorre quando a violência é provocada por preconceito, desrespeito ou por qualquer tipo de discriminação à condição das pessoas com deficiência (PCD) [47].

Você sabia que uma em cada sete pessoas no mundo vive com algum tipo de deficiência? Essas pessoas são mais propensas a serem vítimas de violência e têm menor probabilidade de receber algum apoio da polícia, proteção jurídica ou cuidados preventivos, sendo que mulheres e meninas são mais vulneráveis a abusos [48].

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas [49].

47. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva\\_instrutivo\\_violencia\\_interpessoal\\_autoprovocada\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

48. Organização das Nações Unidas. Pessoas com Deficiência. A ONU e as pessoas com deficiência. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

49. BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 13 jul. 2020.

De acordo com dados obtidos pelas denúncias feitas ao Disque 100, a maioria das vítimas são mulheres jovens, entre 18 e 30 anos, e com deficiência mental. Na maioria das vezes, o agressor é uma pessoa próxima/conhecida da vítima e a violência ocorre dentro do domicílio [51].

As PCD estão sujeitas a sofrer violência física, psicológica, abuso e exploração sexual, negligência/abandono, exploração financeira, abuso medicamentoso e violação civil. Em muitas situações, a própria família contribui para a segregação da pessoa; com o objetivo de protegê-la acaba a isolando do convívio social. Além disso, a prática de contenção com cordas, ataduras ou isolamento em quartos é muito utilizada em pessoas com distúrbio comportamental. Esse tipo de conduta pode refletir a negação do problema e caracteriza um tipo de violência! [52]

50. MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3265.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

51. BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Acesso à Informação. Disque 100. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/disque-100-1>. Acesso em: 14 jul. 2020.

52. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço. Brasília, 2002. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_19.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

## Você já ouviu falar em CAPACITISMO?

Capacitismo são as práticas de preconceito e discriminação que categorizam os corpos das pessoas conforme um ideal de beleza e capacidade funcional [50]. Ou seja, são comportamentos carregados de estigmas que subestimam as capacidades das PCD, tal como trabalhar, estudar, praticar determinados tipos de esportes, namorar e outros estereótipos carregados de juízo de valor.



Victor Di Marco é filmmaker e ator. Em seus vídeos aborda questões sobre capacitismo e vivências de pessoas com deficiência.

Clique aqui para acessar.



# Rio Grande do Sul

Entre uma população total de 10.693.929 de pessoas, no Rio Grande do Sul, 18% têm deficiência visual, 8% deficiência física, 6% deficiência auditiva, 2% deficiência mental/intelectual e 24% têm pelo menos uma dessas deficiências (IBGE - Censo Demográfico, 2010). Cabe destacar que a soma das deficiências é maior que o valor total de pessoas com deficiência, pois algumas pessoas possuem deficiências múltiplas, sendo contabilizadas mais de uma vez.

Ao verificar as notificações de violência interpessoal/autoprovocada motivada pela deficiência no Rio Grande do Sul, de 2015 a 2019, observamos um total de **1006 notificações**. Este é um número baixo, considerando que, apenas no ano de 2019, o número de denúncias para o Disque 100 (Direitos Humanos) foi de mais da metade desse valor (total de 628).

Isto reforça o fato de que a violência contra a pessoa com deficiência acaba sendo um problema invisível aos olhos da sociedade.

## MÚSICA

A luz e a escuridão - Gilberto Gil

Sou igual vocês - Rafael Alves

Pra ser feliz - Daniel

Sou gente como a gente - Bruno Leão

Maior que as muralhas - Fresno

## DOCUMENTÁRIOS

Janela da alma (2001)

Pessoas com diferentes graus de deficiência visual falam como se veem, como veem os outros e como percebem o mundo.

A pessoa é para o que nasce (2002)

História de três irmãs cegas que viveram a vida cantando e tocando ganzá no nordeste do Brasil.

Meu nome é Daniel (2019)

Trajetória de vida de Daniel, um homem que nasceu com uma deficiência que nenhum médico foi capaz de diagnosticar.

Crip Camp: Revolução pela inclusão (2020)

Em um acampamento, um grupo de jovens com deficiência inicia a busca de novos caminhos para um mundo com mais igualdade.

# DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS

## OUTROS MATERIAIS

Entrevista com o fotógrafo Evgen Bavcar

Animação Cordas

# FILMES

Uma lição de amor (2001)

História de um pai com deficiência intelectual que cria sua filha com a ajuda de um grupo de amigos.

Extraordinário (2017)

Aborda os desafios da vida (principalmente no ambiente escolar) de um garoto que nasceu com uma deformidade facial.

Intocáveis (2012)

História da relação de amizade entre um milionário tetraplégico e seu acompanhante, um homem da periferia.

Meu nome é Rádio (2003)

Mostra a inclusão de “Rádio”, um jovem com deficiência intelectual, em um time de futebol americano da escola.

Colegas (2012)

Conta as aventuras de três amigos que vivem juntos em um instituto para pessoas com Síndrome de Down.

A teoria de tudo (2014)

Conta a história de Stephen Hawking, um astrofísico, e o convívio com uma doença motora degenerativa.

A linguagem do coração (2014)

Processo de descoberta de formas de comunicação e interação com outras pessoas de uma jovem que nasceu cega e surda.

O filho eterno (2016)

Conta a história do pai que precisa aprender a lidar com as dificuldades e julgamentos de ter um filho com Síndrome de Down.

# Considerações finais

Como podemos observar ao longo do material, a motivação das violências é um dos campos com menor completude de dados das notificações de violência interpessoal/autoprovocada registradas no SINAN. Esse resultado impacta diretamente na qualidade dos dados epidemiológicos acerca da violência e no acompanhamento na rede de atenção em saúde das pessoas que sofreram violência no estado do Rio Grande do Sul.

Acreditamos, no entanto, que é possível modificar essa realidade, através da aprendizagem e sensibilização sobre as violências de populações específicas. Elaboramos esse material para que sejam obtidos dados fidedignos, consistentes e válidos para a análise da situação epidemiológica das violências.

Esperamos que, após a imersão nesse universo, através dos diversos dispositivos artísticos que apresentamos, esse material tenha ajudado você a compreender melhor as motivações das violências e auxilie no acolhimento e acompanhamento das pessoas que sofrem violência, bem como no preenchimento completo e qualificado da ficha de notificação de violência.



**Até a próxima!**



# Glossário

**Cisgênero:** é a quando a identidade de gênero da pessoa corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

**Cisnormativo:** sistema que coloca as pessoas cisgêneros em uma posição privilegiada e torna tais gêneros a norma social.

**Escravização:** ao invés de escravidão, utilizamos o termo escravização, pois entendemos que há uma diferença entre ser escravo e estar escravizado. Enquanto o primeiro denota uma identidade fixa e passiva, o segundo denuncia o processo de violência e o abuso da força e poder exercido pelo branco que escraviza outrem.

**Femicídio:** refere-se ao assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher e/ou "por razões da condição do sexo feminino".

**Identidade de gênero:** refere-se a como a pessoa se identifica (mulher trans ou cis, homem trans ou cis, não-binário, outros).

**Heteronormativo:** sistema que coloca a heterossexualidade em uma posição privilegiada e torna tal orientação sexual a norma social.

**Orientação sexual:** refere-se a como a pessoa se relaciona sexual e afetivamente (homossexual - gay/lésbica -, bissexual, heterossexual, outros).

**Violência estrutural:** refere-se aos processos sociais, políticos e econômicos que se perpetuam nos micro e macro processos sócio-históricos, se repetem e se naturalizam na cultura e são responsáveis por privilégios e formas de dominação, reproduzindo e "cronificando" desigualdades existentes na sociedade.

# Quadro 1

## Motivação

## Conceito

Sexismo	Discriminação que se baseia no sexo ou no gênero fundamentada no suposto prestígio e poder dos homens sobre as mulheres. São atitudes aprendidas e reforçadas social e culturalmente que se refletem na violência contra as mulheres através de xingamentos, atos, chantagens, exposição pública, entre outros.
Homo/ Lesbo/ Bi/ Transfobia	Violência motivada em razão da orientação sexual ou da identidade de gênero presumida da vítima.
Racismo	Discriminação baseada na raça, cor da pele, traços físicos, descendência, origem nacional ou étnica e aspectos culturais, dirigidos, principalmente, contra populações negra, indígena e quilombola.
Intolerância religiosa	Discriminação direcionada a quem segue alguma crença e/ou práticas religiosas ou a quem não segue uma religião.
Xenofobia	Discriminação contra pessoas de diferentes culturas e nacionalidades.
Conflito geracional	Conflitos entre duas gerações causada por diferenças de valores ou conflitos de interesse.
Situação de rua	Grupo populacional heterogêneo que possui, em comum, a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, utilizando os logradouros públicos como forma de moradia e sustento.
Deficiência	Discriminação devido à condição de ser pessoa com deficiência.
Outros	Violências não contempladas nas categorias anteriores.
Não se aplica	Campo que existe para efeitos do sistema, mas não deve-se utilizá-lo.
Ignorado	Quando não for possível identificar a motivação da violência.



ISBN 978-65-88447-00-0



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA SAÚDE